

FILOSOFIA DA SAUDADE: VIAGEM E EXÍLIO NAS *CARTAS PERSAS* DE MONTESQUIEU*

PHILOSOPHY OF LONGING: TRAVELLING AND EXILE IN MONTESQUIEU'S PERSIAN LETTERS

Lucas Maximiano**

RESUMO

O romance epistolar *Cartas persas* de Montesquieu narra a viagem de dois príncipes persas exilados em Paris, os quais figuram caracteres distintos: o primeiro, idoso e meditativo Usbek figura o exilado político; enquanto o segundo, mais jovem e exuberante Rica figura o viajante cosmopolita. Assim, nas *Cartas persas*, a ontologia da viagem ou metafísica da saudade tem dois sentidos: um otimista, como é o caso de Rica; e um sentido pessimista, no caso de Usbek. Os dois apresentam nas suas correspondências dois modos distintos de cruzar fronteiras rumo a lugares desconhecidos: o *nostos* e o êxodo. De modo geral, há um fio condutor negligenciado nos textos do Iluminismo sobre as viagens de exploração: a crueldade da colonização europeia. O leitor, por sua vez, é atraído para mundos singulares, como se vivenciasse de dentro para fora, entrando no romance, de forma imaginativa e simpática em um envolvimento aberto com a diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Montesquieu; *Cartas persas*; viagem; exílio.

ABSTRACT

Montesquieu's epistolary novel *Persian Letters* recounts the journey of two Persian princes in exile in Paris, who have different characters: the first, the old and meditative Usbek, is the political exile; while the second, the younger and more exuberant Rica, is the cosmopolitan traveler. Thus, in the *Persian Letters*, the ontology of travel or the metaphysics of nostalgia has two meanings: an optimistic one, as in the case of Rica; and a pessimistic one, in the case of Usbek. In their correspondence, the two present different ways of crossing borders to unknown places: the *nostos* and the exodus. In general, there is a common thread neglected in Enlightenment texts on voyages of exploration: the cruelty of European colonization. The reader, in turn, is drawn into unique worlds, as if experiencing them from the inside out, entering the novel imaginatively and sympathetically in an open engagement with difference.

KEYWORDS: Montesquieu; *Persian letters*; travelling; exile.

* Artigo recebido em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.

** Mestre em Filosofia pela UNIFESP. E-mail: lucas.maximiano@unifesp.br

A filosofia é, na verdade, nostalgia, um impulso de se sentir em casa em toda parte.
(Novalis)

*Feliz é aquele, que como Ulisses, fez uma bela viagem,
Ou como aquele que conquistou o velo,
E depois voltou, cheio de utilidade e razão,
Para viver com seus pais pelo resto de sua vida!*
(Joachim Du Bellay)

O romance epistolar *Cartas persas* de Montesquieu, publicado em 1721, apresenta a dupla dimensão histórica-ficcional de um encontro; ocorrido tanto entre os príncipes persas e a sociedade parisiense, quanto entre o suposto narrador-editor e esse estrangeiro. Ao encontrar a figura do estrangeiro como um Outro, o leitor entra no ponto de vista, na intimidade de corpo e alma desses persas, permitindo, assim, ver dos olhos desses viajantes os próprios hábitos e costumes de sua própria sociedade. É a maneira pela qual o leitor duplica seu ponto de vista, se colocando imaginativamente no lugar do outro. Eis aí o poder emancipador da imaginação presente no romance. Com efeito, a empatia é vista nas *Cartas persas* como exercício de formação da consciência cosmopolita. Em meados do século XVIII, para Adam Smith, a chave para a virtude era aprender a ver o que nós fazemos de fora, por meio das perspectivas dos outros. De modo que, o processo de desenvolvimento na história da consciência moral foi definido por obras literárias, muitas das quais apelavam para o fascínio dos leitores europeus pelas viagens de exploração.

É interessante notar como os contos de viagem fictícios respondiam a um fascínio por viagens reais, ou seja, uma admiração pelas viagens de exploração da época e uma atração do exótico. Daí entra em cena a noção de cosmopolitismo, com o qual os pensadores do Iluminismo falavam de si mesmos como cidadãos do mundo. Entretanto, salienta Genevieve Lloyd (2013), havia nesta atração tendências sombrias. “Essa foi uma era de colonialismo, uma época de expansão do poder europeu além das fronteiras europeias e de competição entre os estados europeus pelo domínio do território recém-conquistado” (Lloyd, 2013, p. 22). O que havia era, de fato, uma contradição brutal entre o discurso da liberdade na capital e, a prática da escravidão nas colônias. De modo geral, há um fio condutor negligenciado nos textos do Iluminismo: a crueldade da colonização europeia. Deste modo, o romance *Cartas persas* não ignora o problema, cuja importância é tratada em algumas das cartas, quando, por exemplo, os eunucos negros tomam a palavra e escrevem. No entanto, a satisfação da curiosidade em viajar – real e imaginária – desempenhou um papel central na formação de ideias associadas ao Iluminismo.

Com efeito, as ideias sobre o que constituía a época das Luzes passaram a ser associados à discussão das diferenças exibidas pelos seres humanos que habitavam lugares diferentes. Nesse sentido, há no romance uma reflexão sobre as relações entre as múltiplas diferenças culturais de comportamento e a unidade da natureza humana. De modo que, as viagens fictícias tornaram-se um caminho reconhecido de crítica social, levantando questões sobre os hábitos, costumes e instituições europeias. Assim, quando Diderot escreveu seu famoso *Suplemento à Viagem de Bougainville*, em 1772 – pouco depois da publicação da *Viagem ao redor do mundo* do próprio Bougainville – os leitores europeus já estavam familiarizados com um gênero de textos de viagem imbuídos de reflexão filosófica. Ora, nesse sentido, o ensaio de Montaigne, *Dos canibais*, escrito no final do século XVI, deu um significado filosófico importante às *Cartas persas* de Montesquieu.

Ademais, o barão de Montesquieu publicou anonimamente o romance epistolar *Cartas persas*. Existem alguns motivos que nos levam a crer na decisão, ou até mesmo na necessidade de se escrever de forma anônima; a começar pela vantagem de produzir uma crítica dos costumes europeus contemporâneos sem ter que falar por conta própria. Se por um lado, tal modo de publicação dava ao texto maior verossimilhança, pois seus autores seriam, na verdade, uma dezena de missivistas; por outro lado, em uma época na qual a censura imperava, era necessário escrever dessa forma (Chauvel, 2018a). De fato, interessava ao autor-tradutor das *Cartas persas* que a ficção fosse lida como realidade. Se isso for verdade, encontraremos no romance um recurso à um tom de veracidade e espontaneidade. Em *Algumas reflexões sobre as Cartas persas* – escritas após a publicação do romance –, Montesquieu nos fala um pouco sobre o gênero romance epistolar:

Não é possível misturar-lhes argumentações, porque, como os personagens não foram juntados ali para argumentar, isso iria contra a intenção e a natureza da obra. Mas na forma de cartas, em que os protagonistas não são escolhidos e os assuntos tratados não dependem de uma intenção nem de um plano previamente estabelecido, o autor deu-se a vantagem de poder juntar filosofia, política e moral a um romance, e de unir o todo por um encadeamento secreto, e de certa forma, desconhecido (Chauvel, 2018a, p. 20).

Ao invés de expor uma argumentação conceitual por meio de um tratado filosófico, Montesquieu recorre ao gênero romance para figurar personagens conceituais em situação. Desde a introdução, o autor-tradutor não assume a autoria da obra, quando

afirma ter feito uma mera seleção dessas cartas. Assim, Montesquieu conta como entrou em contato com essa correspondência: “Os persas que aqui escrevem estavam alojados no mesmo lugar que eu; estávamos sempre juntos. (...) meu único ofício aqui é o de tradutor” (Montesquieu, 2009, p.7-8). Ainda na introdução há uma noção importante que designa o autor-tradutor do romance e baliza nossa interpretação, isto é, “um homem de outro mundo”. De modo que, pode-se compreender que no romance Oriente e Ocidente estão postos como mundos opostos; mesmo que pretenda-se produzir um entroncamento de fronteiras, trabalhando o verbo literário na confluência entre os limites da identidade e da diferença, na qual tanto o autor-tradutor, quanto todas as personagens estão fora do lugar.

As *Cartas persas* constituem-se por uma coletânea de missivas, na qual cada correspondente é uma voz própria e dissonante no interior do romance. A correspondência ocorre entre o idoso e pensativo Usbek e o mais jovem e exuberante Rica; mas também entre os amigos, esposas e eunucos do serralho, bem como de outros não europeus. Com base nisso, impera no romance o princípio da variedade, das múltiplas vozes em um todo harmônico; configurando, deste modo, um romance polifônico, em que cada personagem é um autor próprio. O autor-tradutor desaparece, é verdade, enquanto unidade ou finge desaparecer na pluralidade dos muitos missivistas. É uma das maneiras pelas quais a compreensão da identidade negativa é figurada no romance. De maneira semelhante, é possível perguntar: que efeito tem a experiência da viagem e do exílio sobre a identidade desses príncipes persas? De que modo vão se transformando nesta viagem de formação? Assim, nosso objetivo é reconstituir um acontecimento do romance de Montesquieu; e, descrever os efeitos do encontro dos príncipes persas, Usbek e Rica, com os costumes e hábitos da cultura ocidental; ao modo pelo qual esta relação figura o limiar do encontro, e, a ação recíproca entre um Oriente luminoso, mas nostálgico; e um Ocidente efervescente, mas sombrio.

Quais seriam as motivações da viagem dos príncipes persas à França? Na Carta 1, de Usbek ao seu amigo Rustan, encontramos uma primeira elaboração à esta questão, que aponta para as causas e efeitos do imediato fenomenológico da viagem nos príncipes persas. É a busca da sabedoria, o desejo de conhecimento que, de início, teria levado os príncipes persas à saírem de seu país. “Nascemos em um reino florescente; mas não consideramos que seus limites fossem os de nossos conhecimentos e que unicamente a luz oriental devesse aclarar-nos” (Montesquieu, 2009, p. 9). Embora as noções de viagem

e de exílio sejam os pontos de vista sobre os quais pretendemos analisar o romance *Cartas persas*, o tema da virtude não está dissociado. Aqui a viagem destina-se à busca de uma virtude: a sabedoria. Mesmo que na opinião de muitas personagens a viagem dos persas fosse um ato extravagante, como, por exemplo, nas palavras de Zachi, o objetivo da viagem seria “vagar por países bárbaros” (Montesquieu, 2009, p. 12).

Nesse sentido, começa-se a delinear o sentido que a palavra exílio vai ganhando ao longo do texto; que está referido aqui ao movimento daquele que perambula. De modo que, a palavra exílio significa no romance a saída de um lugar familiar ou de origem quando se é banido, quando se está à margem ou se vive abandonado; enfrentando as distâncias, desertos e mares. Tal exílio não deixa de produzir seus efeitos nos viajantes; é o que afirma Usbek: “À medida que adentrava as terras desses profanos, parecia-me que eu mesmo me tornava profano” (Montesquieu, 2009, p. 13). Ora, cabe perguntar: a saída do espaço matricial vai garantir aos príncipes persas o encontro de pertencimento ao lugar de acolhimento?

Na Carta 8, desvela-se o verdadeiro motivo desta viagem. Trata-se de um exílio político. Usbek ousou ser virtuoso em meio a corte do Príncipe déspota, se afastando do vício e, só se aproximando dele quando foi necessário desmascará-lo, por isso sua sinceridade produziu inimigos políticos. O apego às ciências veio depois. De todo modo, antes de exilar-se de sua pátria, partira para uma casa de campo, mas não foi suficiente, pois continuava exposto à malícia de seus inimigos. Seja como for, o desenraizamento de Usbek começara na terra materna, quando ele deixa de se identificar com os hábitos e costumes da corte. Só se pensa na pátria, com efeito, quando já a perdeu. É fato que, Usbek usou como pretexto o desejo de instruir-se nas ciências do Ocidente para exilar-se. De certo modo, o exílio fora uma espécie de refúgio do perigo iminente que ele corria em sua própria casa. Mas será que o caminho tornou-lhe mais virtuoso? Essa pergunta orienta nossa metodologia, que buscará investigar no romance *Cartas persas* as causas e efeitos da viagem e do exílio nas transformações sofridas pelas personagens Usbek e Rica; ao modo pelo qual viagem e exílio figuram a tensão entre dois territórios distintos.

Com efeito, entre povos dito profanos, na Carta 17, de Usbek ao Mulá Mehemet, pode-se perceber em Usbek os primeiros efeitos desta viagem: “Tenho dúvidas que preciso formular: sinto que minha razão se extravia (...)” (Montesquieu, 2009, p. 31). De modo que, exílio significa também estar fora de si. Na mesma carta, Usbek questiona se os sentidos devem ser os únicos juízes da pureza ou impureza das coisas; ou seja, qual é

o papel do testemunho dos sentidos na fundamentação de dogmas e princípios religiosos? Usbek, se aproxima, de certo modo, da figura do filósofo iluminista, como aquele que busca, examina e admira, ao longo do romance, os problemas políticos, religiosos e filosóficos da época. O Mulá lhe responde de forma metafórica: “Vossas luzes se parecem com as trevas dos abismos” (Montesquieu, 2009, p. 33). Ou ainda: “Vossa vã filosofia é aquele relâmpago que anuncia a tormenta e a escuridão; estais no meio da tempestade e vagais ao sabor dos ventos” (Ibidem.). O Mulá contrapõe a questão epistemológica de cunho sensualista de Usbek com um postulado metafísico: “(...) quando não percebi a razão da impureza de certas coisas, é porque ignorais muitas outras e não tendes conhecimento do que se passou entre Deus, os anjos e os homens” (Montesquieu, 2009, p. 34).

Após três cartas sobre uma suposta infidelidade de Zachi no seralho em Ispahan, nas quais a figura da mulher é inferiorizada em relação a do homem; Montesquieu, na voz de Usbek a seu amigo Ibben, compara as mulheres do seralho com as mulheres ocidentais; chamando a atenção do leitor para esse procedimento crítico-comparativo que caracteriza o movimento interno do romance. Não há, porém, no romance uma mera comparação entre hábitos e costumes distintos, mas a figuração de como as diferenças interagem e ganham corpo nos viajantes. Há uma questão fundamental suscitada pelas *Cartas persas* e, que percorre muitas das cartas, a saber, se a lei natural subordina as mulheres aos homens. Ora, Rica compara opiniões distintas a este respeito e sua hipótese própria parece girar entorno do seguinte argumento: “As forças seriam iguais se a educação também o fosse” (Montesquieu, 2009, p. 62). Com efeito, Rica que já se considera habituado aos costumes franceses, como, por exemplo, no ato de defender opiniões incomuns e reduzir tudo ao paradoxo; afirma a ordem do profeta: “As mulheres devem honrar seus maridos; os maridos devem honra-las, mas têm sobre elas um grau de vantagem” (Montesquieu, 2009, p. 63).

A visão de uma cidade cristã é considerada um grande espetáculo – no sentido do exótico e do excêntrico; mas o que chama a nossa atenção na viagem dos persas à Paris não são as aparências da vida cidadina. Mesmo que Rica figure o viajante cosmopolita que se maravilha com os hábitos e costumes europeus. Com efeito, Usbek afirma a seu amigo Ibben uma impressão sobre o estrangeiro: “existe algo de singular, que não sei expressar” (Montesquieu, 2009, p. 40). Parece que, ao longo do romance, Usbek se confronta frequentemente de modo negativo com essa singularidade. É o modo pelo qual

ele compreende sua própria experiência existencial a partir da viagem. Há muitos temas e muitos objetos de crítica no romance, que vão desde os costumes mais triviais – vestimentas e normas sociais – até os mais profundos. No entanto, os temas mais persistentes envolvem a crítica da tirania – dos caprichos e vulnerabilidades do poder absoluto e das atitudes associadas ao preconceito e a intolerância. É assim que Usbek e Rica desmascaram o poder despótico nos hábitos, costumes e instituições europeias. Montesquieu conduz suas personagens em direção à Paris, pois “os viajantes sempre procuram as grandes cidades, que são uma espécie de pátria comum a todos os estrangeiros” (p. 40). O romance configura, de certa maneira, uma Paris que pode ser encantadora e cosmopolita, capaz de reunir e acolher os diferentes tipos de estrangeiros.

A experiência em Paris é, de início, um grande torpor sensível para os príncipes persas; tudo chama a atenção deles. É bem verdade que, no caso de Usbek sempre haverá o estranhamento; por enquanto, eles detêm-se em descrever nas correspondências as primeiras impressões. Rica escreve a Ibben: “Não penses que agora eu já possa falar-te a fundo dos hábitos e costumes europeus; eu mesmo tenho apenas uma leve ideia deles e mal tive tempo de só espantar-me” (Montesquieu, 2009, p. 41). Isso irá mudar, é verdade, ao longo do romance, pois na interação com o ocidente Rica e Usbek produzirão descrições minuciosas de seu comportamento. Assim começa aqui a se diferenciar a experiência da viagem de Rica, da experiência do exílio de Usbek. Ora, um vivencia a viagem como um *nostos*¹ de Ulisses, na qual todas as experiências gravitam entorno do retorno. Enquanto o outro, vivencia a viagem como um êxodo de Abraão, na qual se aspira uma pátria onde não se nasceu. Com efeito, a representação da mentalidade cosmopolita de Rica é, para Genevieve, uma antecipação do *flâneur* de Baudelaire², celebrado por Walter Benjamin. Seja como for, haveriam no romance dois modos distintos da experiência de cruzar fronteiras em direção às regiões desconhecidas: o viajante cosmopolita e o exilado político.

É interessante que, a crítica dirigida à sociedade ocidental comece pela descrição dos poderes do rei da França e do papa, ou seja, a dimensão política e religiosa da

¹ De modo geral, *nostos* é um termo grego que significa voltar para casa.

² “A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flanêur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente” (Baudelaire, 1996, p. 21).

sociedade da época – duas formas de manifestação visíveis do poder despótico. É possível notar que Rica procura por referenciais identificáveis que lhe retirem da experiência de uma alteridade absoluta; ou seja, ele procura por semelhanças nas diferenças mais radicais. É o caso do papa, por exemplo, que é considerado por ele como alguém que poderia muito bem ter se instruído nos princípios da santa lei mulçumana. Rica termina a carta oferecendo numa metáfora um preâmbulo do que pretende descrever e comparar ao longo das *Cartas persas*: “e contarei coisas muito distantes do caráter e do gênio persa. A mesma terra carrega nós dois, mas os homens do país onde estou vivendo e os do país onde te encontras são homens muito diferentes” (Montesquieu, 2009, p. 43). Embora Rica procure semelhanças nas diferenças, o romance opera, de modo geral, por meio do princípio da diferença.

Ora, enquanto Rica escreve longamente e com ricos detalhes a experiência de um viajante cosmopolita na cidade de Paris; que vai reconhecendo, pouco a pouco, pontos comuns e identificáveis que permitem-lhe interagir com o estrangeiro de forma política; Usbek, por outro lado, se entristece e queixa-se constantemente do exílio. Tudo é vivido como um luto. Haveria uma pobreza na experiência do exílio de Usbek? Em sua carta a Roxane, ele revela um pouco dessa pobreza: “Como sois feliz, Roxane, por estardes na doce Pérsia e não nestes ares envenenados, que não conhecem o pudor nem a virtude” (Montesquieu, 2009, p. 44). De certo modo, para Usbek, é preferível ser uma prisioneira no serralho, do que um exilado em Paris.

Em um impulso nostálgico – que é uma maneira possível de pertencimento para um exilado –, Usbek compara os costumes das mulheres ocidentais com o costume das mulheres persas. “Em vez da nobre simplicidade e do amável pudor que reina entre vós, vemos uma impudência brutal a que é impossível nos habituarmos” (Montesquieu, 2009, p. 45). De fato, Usbek estabelece uma relação de rivalidade entre a realidade de Paris e a nostalgia de Ispahan; uma é a cidade vivida, e, aquela é a cidade que só existe enquanto realidade sonhada. Longe de casa, Usbek sofre os efeitos do exílio e entrega-se, nas suas próprias palavras, “a reflexões que cada dia tornam mais tristes; minha saúde, que se debilita, volta-me para minha pátria e torna-me este país ainda mais estranho (Montesquieu, 2009, p. 47). Na Carta 62, de Zelis a Usbek, essa comparação entre a situação da mulher com a do homem é aprofundada e aparece, do mesmo modo, na relação entre os espaços de confinamento, sejam eles o serralho na Pérsia ou o exílio na França; o que nos interessa, entretanto, é que, ao final da carta Zelis considera a situação

de prisioneira do serralho mais venturosa do que a situação de Usbek exilado em Paris, de modo a reforçar um certo aspecto da pobreza da experiência de Usbek no exílio:

Entretanto, Usbek, não penses que tua situação seja mais venturosa que a minha: tenho desfrutado aqui mil prazeres que não conheces. Minha imaginação trabalha continuamente em revelar-me o valor deles: tenho vivido, e não tens feito mais que definhar. Na própria prisão em que me reténs, sou mais livre que tu (Montesquieu, 2009, p. 100).

Há no romance *Cartas persas* um recurso à discrição dos correspondentes franceses. Se por um lado todas as personagens persas do romance são identificadas com seus respectivos nomes; as personagens europeias, a quem se endereçam umas dezenas de cartas, não são. Ao descrever o teatro francês, Rica ainda procura um ponto comum nas diferenças do Ocidente. É neste contexto, de uma descrição do teatro que autor-tradutor realiza uma dura crítica ao poder despótico³ do clero católico. Na Carta 28, de Rica à um desconhecido, ele introduz como anexo a carta de uma atriz, que conta ao jovem persa sobre o abuso que ela sofrera nas mãos de um clérigo. Na carta seguinte, com efeito, Rica comenta o papel político e religioso do papa e dos bispos na turbulência religiosa do mundo cristão. Ainda neste caso, Rica esboça um retrato do conflito entre católicos ortodoxos e católicos romanos, também o problema da inquisição e das heresias. E termina seu relato com a comparação entre mulçumanos e cristãos, tendo como referência a superioridade dos cristãos no que se refere ao uso da violência.

Diante do incômodo com o excesso de curiosidade dos franceses, Rica marca definitivamente sua oposição à Usbek, pois decide integrar-se totalmente à sociedade parisiense; começando por trajar-se como um europeu. Vale a pena mencionar que o estrangeiro, como aquele que é um Outro do Mesmo, produz em alguns o efeito do extraordinário e do maravilhamento, que atrai na direção de uma interação, na qual se possa transmitir alguma experiência; este é o caso de Rica. Em outros produz o efeito do estranhamento e, até mesmo do trauma, talvez seja o caso de Usbek. O espanto com a novidade de um forasteiro é recíproco, tanto para aquele que o acolhe em seu território, quanto para aquele que desenraizado viaja na busca de um destino. Nessa direção, a Carta 31, de Rhedi a Usbek sobre Veneza é reveladora, pois não só os franceses se surpreendem

³ O despotismo aparece aqui como um adjetivo, sem precisão conceitual. Há, contudo, uma profunda discussão sobre esse tema no livro *Estrutura do harém: despotismo no ocidente clássico*, de 1979, do Alain Grosrichard, da qual extraímos uma definição de despotismo: “o despotismo é uma forma distinta de governo cuja natureza está no comando, sem leis, de um só homem, e, cujo princípio é o medo” (Grosrichard, 1979, p. 51).

com a presença dos persas, mas também os persas se surpreendem com os hábitos europeus. Nas *Cartas persas*, a ontologia da viagem ou metafísica da saudade tem dois sentidos; um positivo para Rica, que figura o viajante cosmopolita, desbravando territórios desconhecidos; e um negativo para Usbek, o exilado, e a sua sombria nostalgia.

Em seu relato a Rhedi sobre uma festa, Usbek prossegue com seu objetivo de instruir-se, agora, pelo exame dos hábitos e costumes do Ocidente. “Estrangeiro que sou, eu não tinha coisa melhor a fazer do que estudar aquela multidão de pessoas que não paravam de chegar e que sempre me mostravam algo novo” (Montesquieu, 2009, p. 74). Após examinar criticamente uma porção de pessoas que festejavam numa casa de campo, Usbek, em tom nostálgico, compara novamente o Oriente ao Ocidente: “Terra natal e querida, sobre a qual o sol lança seus primeiros olhares, não és maculada pelos crimes horríveis que obrigam esse astro a ocultar-se assim que surge no negro Ocidente” (Montesquieu, 2009, p. 79). O efeito do desenraizamento é tão brutal, que faz com que Usbek se retire de Paris para uma casa no campo; enquanto Rica, por outro lado, prossegue com seu objetivo de integrar-se à sociedade, nas palavras de Rica, “circulo muito nesta sociedade e procuro conhece-la; meu espírito vai imperceptivelmente perdendo tudo que lhe resta de asiático e adapta-se sem esforço aos costumes europeus” (Montesquieu, 2009, p. 101). Na Carta 67, Ibben reflete sobre a penosa condição de Usbek no exílio, que se aproxima de uma doença; colocando, de certo modo, o problema do retorno à pátria do ponto de vista daquele que não tem mais para onde voltar.

Na Carta 69, Usbek afirma a Rhedi que o exílio o tornou mais metafísico, e promete escrever nesta carta a sua filosofia, cujo problema central é a existência de Deus. De modo que, argumenta Usbek, os homens teriam sobrecarregado a ideia de divindade com as diferentes perfeições que o homem é capaz de ter e de imaginar, sem, contudo, pensar nas contradições entre esses atributos. Usbek se coloca uma questão: “Como poderia Deus prever as coisas que dependem da determinação das causas livres?” (Montesquieu, 2009, p. 118). Ele quer pensar a liberdade da alma e a capacidade de determinação futura dos espíritos. Com isso, o príncipe persa termina a carta com uma pergunta: “por que tanta filosofia?” Será que o exílio e suas visíveis tendências melancólicas não o obrigaram a pensar profundamente a sua própria existência? Nesse sentido, a filosofia torna-se aqui a maneira pela qual o pensamento reage a um acontecimento extremo; neste caso, a experiência do exílio. Ainda sobre a sua penosa situação de exilado, Usbek escreve a Ibben, na Carta 76, a respeito do suicídio.

No entanto, Usbek não fica incólume ao contato com o Ocidente e as suas filosofias; é o caso da Carta 97 a Hassein, na qual se compara a sabedoria oriental com a filosofia ocidental.

Aqui há filósofos que, na verdade, não chegaram ao cume da sabedoria oriental: não foram arrebatados até o trono luminoso; não ouviram as palavras inefáveis com que ressoam os concertos dos anjos nem sentiram os formidáveis acessos de furor divino; porém entregues a si mesmos, privados das maravilhas santas, seguem, no silêncio, os rastros da razão humana (Montesquieu, 2009, p. 155).

Starobinski afirma em nota que esta carta marca a conversão de Usbek à uma filosofia mecanicista de inspiração cartesiana. Nas palavras de Usbek: “Eles desemaranharam o caos e explicaram, por uma mecânica simples, a ordem da arquitetura divina” (Montesquieu, 2009, p. 155). Mesmo que, ao final desta carta, Usbek demonstre certa resistência às mudanças sofridas em seu posicionamento filosófico, ele aprendeu algo no caminho. Nas cartas subsequentes, Usbek demonstra interesse tanto pela moral, política e filosofia europeias e parece esquecer-se do exílio. Mas uma carta de Rhedi a Usbek sobre as bombas e uso de pólvora vem lembrar-lhe de sua penosa situação: “Sabes que desde a invenção da pólvora deixaram de existir praças inexpugnáveis; isso significa, Usbek, que já não há na Terra asilo contra a injustiça e a violência” (Montesquieu, 2009, p. 167). Se Usbek procurava asilo das ameaças de seus inimigos políticos persas, na França ele se defronta com os perigos do mundo moderno.

Entre suas reflexões filosóficas, Usbek costuma fazer referências à questão do exílio; o que nos leva a perguntar, se não seria a saudade o motivo que o leva a filosofar sobre os hábitos e costumes ocidentais, suas questões políticas e morais? Nessa direção, o ato de filosofar seria um efeito do exílio sobre a personagem Usbek? Partimos da hipótese que Usbek transforma a pobreza da experiência no exílio em uma filosofia da saudade, cujas múltiplas reflexões partem do sentimento de saudade da pátria perdida. Ao falar, por exemplo, do tema do povoamento em uma série de cartas, Usbek afirma: “Os homens precisam permanecer onde estão: há doenças que provêm de trocarmos um ar bom por um mau, há outras que provêm precisamente de mudarmos de ares” (Montesquieu, 2009, p. 193). Usbek não reflete aqui sua própria situação? Assim, suas reflexões vão ficando mais sombrias e pessimistas no final do romance. “Quando somos transportados para um outro país ficamos doentes” (p. 193). E, então, prossegue

descrevendo alguns casos de exílio, como o ato dos romanos contra os criminosos e judeus que eram banidos para Sardenha.

Há no romance poucas passagens nas quais os filósofos tomam a palavra e falam; na Carta 142 e, em algumas outras, porém, o erudito é tomado como uma figura estrangeira em seu próprio tempo; no sentido daquele que está fora do lugar por seu traço intempestivo. Rica escreve a Usbek sobre uma carta que recebeu de um homem erudito, pertencente a república das letras, cujo nome não é identificado. O erudito escreve a Rica sobre uma herança que recebera de um tio muito rico. Na carta ele descreve a si mesmo: “Não tenho ambição, nem gosto pelos prazeres: quase sempre estou fechado em um gabinete, onde levo vida de estudioso. É nesse lugar que um minucioso amador da venerável Antiguidade pode ser encontrado” (Montesquieu, 2009, p.233). Quando o tio morreu, o erudito gostaria de tê-lo enterrado com as cerimônias dos antigos. Ademais, com a herança, ele passou a comprar objetos antigos, como: móveis de um filósofo estoico; espelho que Virgílio usou outrora; manuscritos etc. Com efeito, o erudito anseia infinitamente por conhecer todos os caminhos que existiam no tempo dos romanos. Na mesma carta, Rica envia a Usbek o *Fragmento de um antigo mitologista* que recebera do erudito, cujo conteúdo trata-se da história do filho de Eolo e Caledônia, que também é um viajante.

Na sugestão da nota de Starobinski, a Carta 145 é uma reflexão que prossegue com o tema do erudito, mas que reflete a própria situação de Montesquieu. Eis aqui o perfil do erudito: “Um homem de espírito geralmente é de difícil convívio” (Montesquieu, 2009, p. 243). Ele também é caracterizado como alguém que atrai inimigos. Usbek pergunta-se pela situação dos eruditos: “Mas, se um homem de espírito leva tantas desvantagens, que dizer da dura condição dos eruditos?” (p. 244). Ao nos aproximarmos do final do romance, torna-se cada vez mais frequente os anexos de correspondências de amigos e conhecidos dos viajantes. É o caso desta carta que reflete sobre a condição do erudito como aquele que está fora do lugar. Na carta anexada o erudito afirma: “Sou muito pouco sociável e, de todas as pessoas que vejo, não conheço nenhuma” (p. 245). É bem verdade que os eruditos sempre foram difamados ao longo da história por motivos diferentes, nas palavras de Usbek, “e um erudito (p. 246).

Contudo, o tema da última carta de Usbek no romance (Carta 155) é, de fato, sobre os efeitos últimos daquele que padece no exílio. Com efeito, a maneira pela qual Usbek inicia a carta, está em diálogo direto com o soneto *Felizes os que como Ulisses*, escrito

por Joachim Du Bellay entre 1553 e 1557 em Roma. A viagem ganha nesta carta seu sentido negativo, distinto do tom geral do soneto, também de Rica e do ímpeto inicial do romance. Nas palavras de Usbek, “Feliz aquele que, conhecendo todo o valor de uma vida amena e tranquila, repousa o coração no meio de sua família e não conhece outra terra além da que lhe deu a luz!” (Montesquieu, 2009, p. 254). Cabe ressaltar aqui a contradição deste discurso pessimista sobre a viagem no final do romance, daquele com o qual se iniciou o percurso. É bem verdade que Usbek lamenta profundamente a sua experiência no exílio em Paris; e a viagem configura senão a experiência do misterioso, do angustiante e da inquietação, ou seja, daquilo que é infamiliar. É o que podemos observar constantemente no romance: Usbek limitado pela sua condição não consegue interagir, nem integrar-se, atado ao passado não é capaz de pensar o futuro.

Nesse sentido, examinando a frase inicial da carta, podemos concluir que, se por um lado, seria possível alcançar a proeza de repousar na pátria o coração – que no romance refere-se aquilo que é inconstante no ser humano; por outro lado, o estrangeiro é sinônimo de perda de tudo aquilo que fora afirmado antes: amenidade e a tranquilidade; a perda de um referencial próprio, ou seja, Usbek está à deriva. É bem verdade que Usbek sofre com o exílio, entretanto, também é verdade que, no romance, o estrangeiro já fora considerado como um sinônimo para possibilidades de conhecimento. De modo que, Usbek se depara com uma situação sem saída, isto é, sua própria condição: atrelado ao passado vive a impossibilidade do retorno e a incapacidade simbólica de imaginar o futuro. Isso sem mencionar a desordem no serralho. De fato, foi com o objetivo de instruir-se que ele resolvera partir do espaço familiar de sua terra natal. Mesmo que tenha, por fim, encontrado limitações à imaginação cosmopolita. Ao final do romance, poderíamos concluir que, se para Rica a viagem de formação teria sido a oportunidade de encontrar-se com as múltiplas facetas do desconhecido e transmitir alguma experiência do vivido, para Usbek teria sido em vão. Diante do absurdo da viagem, seria melhor não ter partido.

Com suas ilusões perdidas, Usbek no final do romance, reflete retrospectivamente, perguntando-se pelos motivos e necessidades de exilar-se. Com efeito, na compreensão de Usbek, aquele que reconhece o valor da vida não sai jamais de sua pátria, antes prefere uma vida tranquila e amena no meio de sua família. Em certo sentido, Usbek figura uma limitação na imaginação cosmopolita que predominava no século XVIII, e, de certo modo, Montesquieu dirige uma crítica aos filósofos iluministas da época.

Usbek não mudou, ele continua preso ao passado afirmando sua diferença em relação aos ocidentais, quando diz, por exemplo: “Estou vivendo em um chão bárbaro, presente em tudo o que me importuna, ausente de tudo o que me interessa” (Montesquieu, 2009, p. 254). No decurso do romance a situação de Usbek foi equiparada com uma doença; na última carta, contudo, ele mesmo chega a afirmar esse ânimo melancólico: “Invade-me uma tristeza sombria; caio em um desânimo terrível: parece que estou me anulando; e só reencontro a mim mesmo quando um ciúme tenebroso vem acender-se (...)” (Ibidem.). Nada em Paris é capaz de retirar-lhe deste humor melancólico, do desinteresse pela vida que o rodeia, a única coisa que lhe põe em movimento está referido ou ao passado ou a nostalgia da cidade perdida de Ispahan. De modo que, não consegue interagir com a cidade de Paris, apenas com a desordem do harém na Pérsia. De fato, Usbek está em uma situação que provoca pena. Em última análise, ele teme perder a única coisa que ainda lhe traz a ilusão do pertencimento: o harém.

Com efeito, Usbek se encontra em uma situação sem saída, no impasse daquele que não suporta permanecer aonde está e, não tem mais para onde voltar. “Mas, por mais razão que eu tivesse em sair de minha pátria, embora deva a vida a meu afastamento, não posso mais permanecer neste exílio horrível” (Montesquieu, 2009, p. 255). Nessa direção, Usbek volta a falar da morte como alternativa à sua situação no exílio. “Pois não morreria igualmente, vítima de minhas tristezas?” (Ibidem.). Diante de uma situação limite, Usbek sofre com a pobreza da experiência.

Ora, em oposição a sua lamentável situação de sofrimento, Usbek evoca seu amigo Rica, como aquele que esqueceu sua pátria; aqui o esquecimento tem um papel importante na integração; Rica teria se esquecido até mesmo de Usbek. Ora, Usbek não esquece nunca. Talvez seja esta a causa de seu sofrimento. Usbek retoma o tema da impossibilidade de retorno à pátria. “Como sou infeliz! Desejo rever minha pátria, talvez para ficar ainda mais infeliz! Pois, que farei lá?” (Montesquieu, 2009, p. 255). Assim, a miserável situação dos prisioneiros do serralho, na compreensão de Usbek, não é pior do que a que se vive no exílio.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CHAUVEL, T. **O harém das Cartas persas**: um concerto de vozes dissonantes. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018a.

CHAUVEL, T. Usbek no harém das "Cartas Persas", de Montesquieu. **Non Plus**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 122-141, 2018b.

GROSRICHARD, A. **Estrutura do harém**: despotismo asiático no ocidente clássico. São Paulo: Editora brasiliense, 1979.

LLOYD, G., **Enlightenment Shadows**. Oxford University Press, 2013.

MONTESQUIEU. **Cartas persas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.